

AS AÇÕES JUVENIS E A PRODUÇÃO DO COMUM: reflexões preliminares em um diálogo Sul-Norte

YOUTH ACTIONS AND THE PRODUCTION OF THE COMMON:
preliminary reflections in a south-north dialogue

Leandro R. Pinheiro¹

Enzo Colombo²

Resumo: Na entrevista, apresenta-se um diálogo focado nas ações e experiências de jovens do Sul Global, tencionando reflexões sobre os suportes em jogo na construção de partilhas e modos de 'estar-junto'. Nesse sentido, a conversa estabelecida com Enzo Colombo, professor da Università degli Studi di Milano, procura trazer à discussão a realidade de jovens de classes populares e famílias de imigrantes na Europa para contraste com a situação das juventudes do Brasil. Inicialmente, recorre-se à trajetória de pesquisa do entrevistado para identificar inflexões históricas recentes nas ações juvenis, discutindo a 'diferença' como desafio social e mote de agenciamento e, depois, as experiências da crise no século XXI. Assim, abordaram-se os processos de individualização em curso, questionando as diferentes configurações na produção de laços sociais e o lugar da educação escolar neste sentido, entre outros aspectos que pontuaram a conversa. Este foi o itinerário percorrido numa ponderação ainda preambular dos atravessamentos Sul-Norte e concernente, além disso, à construção social do comum, partindo das ações de jovens especificamente, em contextos metropolitanos diversos.

Palavras-chave: juventudes; individualização; comum; Sul Global.

Abstract: The interview presents a dialogue interested in the actions and experiences of youngsters from the Global South, intending reflections on the social supports to construct sharing and ways of 'being-together'. In this way, the conversation established with Enzo Colombo, professor at Università degli Studi di Milano, seeks to bring into discussion the reality of young people from popular classes and immigrant families in Europe to contrast with the situation of youth in Brazil. The interviewee's research trajectory is initially used to identify recent historical inflections in youth actions, discussing 'difference' as a social trial and a motto for agency and, later, the experiences of the crisis in the 21st century. Thus, we arrived at the ongoing individualization processes, questioning the different configurations in the production of social ties and the place of school education in this sense, among other aspects that punctuated the talking. This was the itinerary followed in a still preambular consideration of the South-North crossings, concerning, in addition, the social construction of the common, from the actions of young people specifically, in different metropolitan contexts.
Keywords: youth; individualization; common; Global South.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5041-4939>. E-mail: leandropinheiro75@gmail.com.

²Università degli Studi di Milano. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7231-5819>. E-mail: enzo.colombo@unimi.it.

1. Apresentação

O diálogo que apresentamos a seguir ocorreu na esteira de interlocuções iniciadas há cerca de oito anos, quando convidei Enzo Colombo a colaborar em nossas atividades de pesquisa e ensino, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS). Ao longo desse período, as contribuições estavam voltadas à produção de pesquisas reflexivas, sobretudo diferenciando-se do foco desta entrevista³.

Ambientado pela singular generosidade acadêmica de Colombo, nosso encontro visava abrir discussões sobre as ações juvenis e a construção do comum, tema de alguma forma tangenciado em suas pesquisas. Os questionamentos partiram, no entanto, de perplexidades que levei comigo, decorrentes do contraste de experiências juvenis em distintas realidades metropolitanas, as quais procurava partilhar em uma conversação reflexiva.

Observava, então, os desafios sociais postos aos jovens de classes populares, particularmente aos estudantes de ensino médio em escolas públicas de Porto Alegre e Paris, marcados por uma condição periférica histórica em ambas as cidades, combinando traços de segregação territorial, racial e de classe. Ademais, aproximava-me das contradições de um modelo cultural hegemônico em âmbito global, que tem percebido o deslocamento de sua condição de referente simbólico e ideológico (Martuccelli, 2024⁴) e vivenciado cotidianamente a retroação do que efetivara em suas práticas de dominação geopolítica.

Esses elementos estruturam o diálogo, num esforço marcadamente intuitivo para cercar o tema de interesse. Embora a construção do comum seja já conhecida em diferentes perspectivas teóricas, e sobretudo para a análise de práticas políticas, desejava levá-la ao cotidiano das ações juvenis, aproximando-a do debate sobre a produção de laços sociais. Trata-se, assim, de uma provocação e de uma abordagem incipiente. O percurso sinuoso de uma conversação que questiona processos de

³ A entrevista foi realizada no dia 03 de novembro de 2023, nas dependências Departamento de Ciências Sociais e Política da *Università degli studi di Milano*, por ocasião do período como professor visitante no *Centre de Recherche sur les Liens Sociaux-CERLIS* e na *Université Paris Cité*, efetivado pelo entrevistador. Os pesquisadores revisaram a transcrição nos meses de janeiro e fevereiro de 2024. A versão para a língua portuguesa foi produzida por Tikinet LTDA.

⁴ MARTUCCELLI, Danilo. *Introducción heterodoxa a las Ciencias Sociales*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2020.

individualização, examina o lugar da educação escolar neste contexto e reflete sobre a trajetória de pesquisa do entrevistado, incluindo a identificação de inflexões históricas recentes nas práticas juvenis, passando pela pauta da ‘diferença’ e as experiências da crise no século XXI.

Enzo Colombo é professor e pesquisador do Departamento de Ciências Sociais e Política da Università degli Studi di Milano. Iniciou sua atuação em sociologia no final dos anos 1980, no contexto educativo do Laboratorio sul Mutamento Sociale (LAMS), coordenado por Alberto Melucci. Como o próprio Colombo afirmou em outra entrevista⁵, aquele teria sido o espaço de gestação de uma perspectiva de “construcionismo factual e radical”, que buscava vincular, de um lado, os interesses teóricos pela relação recursiva entre estrutura e agência e, de outro, questões metodológicas e epistemológicas concernentes ao trabalho do pesquisador, entendido como produtor de conhecimento social. A partir daí, nosso entrevistado construiu uma trajetória de pesquisa atenta aos temas das juventudes, da diferença e da individualização na contemporaneidade, com ênfase nas apropriações contextualizadas das duas últimas. Em congruência, destacam-se ainda suas reflexões sobre a produção social das narrativas de pesquisa.

Nas linhas que seguem, Colombo assume o desafio de tensionar, de maneira reflexiva, os resultados de suas pesquisas em vista às perguntas propostas. Creio que as realidades contrastadas brevemente permitem ao menos pontuar condições comuns e particulares experienciadas por jovens no Sul Global, assim como nas disputas e desigualdades do entrelaçamento Sul-Norte.

1. Leandro R. Pinheiro: Como comentei anteriormente, criamos recentemente no Brasil, uma revista dedicada a pesquisas sobre/com as juventudes, chamada ‘Jovens do Sul Global’. Gostaria, então, que nossa conversa pudesse trazer contribuições preambulares, mediante o estabelecimento de contrastes e problematizações entre os contextos de pesquisa que conhecemos. Proponho iniciarmos pela contextualização de seu trabalho de

⁵ COLOMBO, Enzo; PINHEIRO, Leandro R. Diferença, cotidiano e pesquisa reflexiva. In: PINHEIRO, Leandro R. (org.). *Itinerários versados: questões, sintonias e narrativas do cotidiano*. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2016, p. 17-48. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/enunciarcotidianos/category/publicacoes>.

pesquisa atual e, em seguida, abordaremos questões relacionadas à condição juvenil nas classes populares e entre imigrantes.

Enzo Colombo: Nos últimos dez anos, nossa pesquisa procurou entender como os jovens internalizam a experiência da crise⁶. Nosso ponto de partida é entender como e até que medida os jovens italianos nascidos no século 21 internalizam a experiência de crescer em um contexto de constante incerteza. Estamos interessados em entender como os jovens entre 16 a 24 anos, na Europa, tentam transformar o estado de exceção – de incerteza, ameaça, fluidez, precariedade, oportunidades – que caracteriza a percepção da crise em um ambiente “normal” de sua experiência cotidiana. Por exemplo, os conflitos atuais na Ucrânia e na Palestina são apenas mais um aspecto da crise que se desenvolveu sem pausas desde a explosão da bolha imobiliária em 2008 nos Estados Unidos e da consequente crise econômica, até a pandemia e as formas rígidas de restrição social em um período em que esses jovens estavam na primeira adolescência, tendo como pano de fundo a tensão constante ligada à crise ecológica e às evidentes mudanças climáticas. O cenário constante de sua existência era um estado de incerteza, dificultando previsões sobre o futuro. Eles estão acostumados a viver constantemente neste estado e estão abertos a experiências inesperadas.

Uma segunda dimensão que caracteriza a experiência deles está ligada ao seu desenvolvimento – pelo menos no contexto europeu – em meio a uma injunção neoliberal generalizada que os impele a serem dinâmicos, proativos, flexíveis e empreendedores de si próprios. Portanto, nos interessou entender como os jovens italianos internalizam esta experiência, considerando a constante pressão externa, da escola, da família, dos jornais e da mídia social, para que sejam ativos, façam algo e sejam empreendedores de si mesmos. Em outras palavras, como os jovens reagem à ideia neoliberal de que “bem, cabe a você decidir o seu destino”, “cabe a você construir o seu futuro”, “cabe a você ser bem-sucedido” e “a culpa é sua se você não for bem-sucedido”.

⁶ COLOMBO, Enzo; REBUGHINI, Paola; LEONINI, Luisa. *Giovani dentro la crisi*. Milano: Guerini, 2017.

COLOMBO, Enzo; LEONINI, Luisa; REBUGHINI, Paola. A generational attitude: young adults facing the economic crisis in Milan. *Journal of Modern Italian Studies*, 23 (1), p. 61-74, 2018.

COLOMBO, Enzo; REBUGHINI, Paola. Generational inequalities in multiple crises: pandemic and the Italian youth on the edge. In: MADDANU, Simone; TOSCANO, Emanuele (orgs). *Inequalities, youth, democracy, and the pandemic*. London: Routledge, 2024.

A pressão neoliberal e a experiência constante da crise muitas vezes levam a direções divergentes. A injunção neoliberal leva à internalização da ideia de que “eu tenho de fazer alguma coisa”, “tenho de ser ativo”, “tenho de fazer mais”, “tenho de saber aproveitar as oportunidades”, “tenho de ser criativo”, “tenho de saber me adaptar”. A experiência da crise – e isto ficou muito evidente durante a pandemia e o lockdown – torna mais evidente que a situação é incerta, que nem tudo está sob o controle dos sujeitos; que, por mais que a pessoa se esforce, ela nunca poderá ter certeza dos resultados que podem ser alcançados. Tornou mais evidente que há fatores externos – sistêmicos, estruturais – que estão além da possibilidade de ação individual e não podem ser alterados pelos indivíduos.

2. LP: A partir de sua trajetória de pesquisa, você identifica um ponto de inflexão no processo de individualização dos jovens? As práticas culturais dos jovens foram diferentes em algum momento durante esse período. Em uma perspectiva histórica ampla, como você percebe a experiência da crise para as classes populares e os jovens imigrantes na Itália ou na Europa?

EC: De fato, iniciamos as pesquisas pelo estudo da segunda geração de jovens na Itália: os filhos dos imigrantes que viviam na Itália na década de 1990⁷. Neste caso, constatamos que as suas experiências eram particularmente marcadas por sua capacidade de pensar de forma cosmopolita, de pensar de forma aberta, de tentar juntar a experiência da família e a nova situação em que iriam viver. Assim, naquele período, parecia prevalecer a ideia de uma identidade aberta e estratificada – pelo menos entre os jovens filhos de imigrantes; uma identidade não unitária, aberta ao sincretismo, interessada em acrescentar diferentes traços, diferentes linguagens, diferentes habilidades. Um otimismo moderado em relação a um futuro melhor do que o de seus pais parecia prevalecer entre os jovens filhos de imigrantes, um otimismo que já parecia estar desaparecendo entre seus pares “nativos”. De modo, surgiu o desejo de melhorar a sua condição social, também como forma de reconhecimento e redenção pelos

⁷ COLOMBO, Enzo; BOSISIO, Roberta; LEONINI, Luisa; REBUGHINI, Paola. *Stranieri & italiani: una ricerca tra gli adolescenti figli di immigrati nelle scuole superiori*. Roma: Donzelli, 2005.

COLOMBO, Enzo (org.). *Figli di migranti in Itali: identificazioni, relazioni, pratiche*. Torino: Utet, 2010.

COLOMBO, Enzo; REBUGHINI, Paola. *Children of immigrants in a globalized world: a generational experience*. Basingstoke: Palgrave, 2012.

sacrifícios de seus pais. Com certeza, a percepção das dificuldades também era evidente na época. Eles estavam muito cientes das formas de discriminação e do racismo institucional que efetivamente limitavam as suas possibilidades, mas prevalecia a forte certeza pessoal de que eram capazes de fazê-lo.

A situação era totalmente diferente após a primeira crise econômica em 2008. Percebemos uma mudança muito significativa na nova geração, entre os jovens adultos com pais imigrantes e italianos. Neste caso, esta abertura, esta atitude em relação à ideia de que “bem, podemos acrescentar algo novo e melhorar a nossa posição para alcançar o nosso objetivo” tornou-se menos compartilhada e menos enraizada na experiência dos jovens. Notamos uma mudança radical ao comparar as narrativas e atitudes dos jovens nascidos no século XXI com as dos nascidos na segunda metade do século XX. Para dar sentido a esta mudança, consideramos o conceito de geração particularmente útil, a partir de sua definição original por Karl Mannheim, em 1937. A ideia de geração nos parece particularmente útil como ferramenta heurística, como uma postura analítica. Ou seja, não nos interessa definir ou rotular um grupo de jovens com base em características objetivas. Em vez disto, uma perspectiva geracional nos parece útil para nos concentrarmos nas descontinuidades. Consideramos uma geração possível como sendo caracterizada pela necessidade – dada por um compartilhamento específico da condição sócio-histórica – de desenvolver novos conceitos, linguagens e ações para lidar com a experiência dos indivíduos e dar sentido a ela, a qual não são capazes de enfrentar e compreender baseados apenas em conceitos, linguagens e formas de ação desenvolvidas pelas gerações anteriores. Analiticamente falando, os jovens adolescentes de hoje podem ser considerados como uma nova geração porque se encontram diante de uma situação radicalmente nova, marcada por pelo menos duas descontinuidades em relação a seus pais. Por um lado, como já salientei, a experiência constante da crise; de um presente e de um futuro caracterizados pela incerteza e pela precariedade. Para isso, eles precisam aprender a estar abertos à situação, focados no contexto, no aqui e agora, evitando estratégias, metas de longo prazo e se concentrando em aproveitar o momento. Por outro lado, a experiência de novas tecnologias, mídias sociais, a relevância e a abrangência de experiências relacionais mediadas pela tecnologia que passam a fazer parte da vida cotidiana. Uma tecnologia que afeta as formas de aprendizagem, o conhecimento, as relações interpessoais, a socialização das emoções e das normas sociais, a ideia de tempo e espaço, ou seja, todos os aspectos relevantes da experiência.

A partir destas experiências, os jovens são constantemente forçados a desenvolver uma nova perspectiva, uma nova linguagem. É por isto que acreditamos ser útil olhar para eles como uma nova geração. Porque estão trabalhando para produzir novas ferramentas, novas linguagens; eles não podem usar as ferramentas interpretativas, as aspirações, os modelos herdados de seus pais, nem o que a escola lhes dá. Como argumentou Alberto Melucci, são profetas que poderiam anunciar a mudança de uma era.

3. LP: Você diria que a experiência da individualização, conforme definida por Ulrich Beck, intensifica-se?

EC: Sem dúvida! Constatamos que a ideia de individualização está absolutamente internalizada em todos os níveis; para pessoas com baixo capital econômico e sociocultural e para pessoas com alto nível de capital; para pessoas absolutamente individualistas e para pessoas envolvidas em atividades políticas ou sociais. A nossa impressão é que todos eles internalizam a ideia de que a individualidade é importante: você precisa trabalhar para si mesmo a fim de melhorar a sua capacidade. No entanto, a internalização do impulso de individualização – como Beck, Giddens, Melucci e Bauman descreveram, com diferentes ênfases – pode orientá-los para diferentes cursos de ação. Neste aspecto, a posição social, os capitais econômico e cultural tornam-se relevantes. Por isto, focamos em como os jovens adultos de hoje, a partir de sua posição social específica, estão tentando traduzir essa adesão à ideia de que a individualização é importante, que trabalhar em si mesmo é absolutamente fundamental, que é preciso tentar construir o seu próprio caminho na vida, comprometendo-se a melhorar constantemente as suas habilidades, mostrando adaptabilidade, flexibilidade, capacidade de aproveitar o momento, em novas formas de relações sociais.

4. LP: Neste sentido, existiriam desafios sociais específicos para jovens de famílias de imigrantes? Para esclarecer este ponto, podemos tomar como exemplo situações no Brasil, onde as práticas culturais entre os jovens permitem vínculos que parecem sustentar suas experiências. Nas classes populares, observamos relações próximas que apoiam as práticas culturais, as quais, por sua vez, possibilitam novos laços sociais, às vezes incluindo possibilidades de

trabalho. De fato, algumas dessas práticas culturais se tornam empregos (como educadores sociais, por exemplo). De maneira esquemática, podemos dizer que o domínio do trabalho e o consumo cultural produzem as juventudes de classe popular com precedência à escola. Por outro lado, ao analisar a classe média, os jovens têm mais acesso à escola e mais possibilidades para planejar a carreira ou articular estrategicamente escola e trabalho. Podemos afirmar que há uma moratória social mais explícita. Na França, por outro lado, a desigualdade apresenta-se com uma face institucional abrangente, incluindo a participação escolar e os diplomas universitários obtidos. Na Itália, as instituições de ensino produzem os jovens como na França? Neste contexto, há desafios específicos para jovens de classes populares e/ou famílias de imigrantes?

EC: Bem, na Itália, a minha impressão é de que a escola desempenha um papel importante, talvez não tão forte como na França, mas, ainda assim, é uma etapa importante para definir as oportunidades para os jovens. Nota-se uma diferença muito forte entre os cursos técnicos e o ensino médio (propedêutico), em particular. Esta diferença se baseia na classe social, que ainda é relevante, e no contexto migratório, pois um grande número de crianças com pais migrantes frequenta cursos técnicos. Em contraste, no ensino com vistas ao ensino superior, você encontra uma grande maioria de “autóctones”. Isto faz uma grande diferença, pois as oportunidades abertas pelas duas vias educacionais são bem diferentes, mas não tão rigorosamente diferentes como na Alemanha ou na França. Afinal de contas, na Itália, as pessoas que frequentam um curso técnico também podem ir para a universidade e podem seguir, teoricamente, o mesmo percurso que as outras pessoas do liceu costumam seguir; na prática, o caminho é bem mais difícil para eles; no entanto, idealmente, eles podem alcançar os mesmos resultados educacionais. Assim, o liceu está aberto à universidade; o curso técnico deixa a oportunidade de ir para a universidade. Mas quando as pessoas que frequentaram o curso técnico vão para a universidade, elas encontram muitas dificuldades porque a sua formação não é tão boa. Sem sombra de dúvidas, o que faz a diferença é o capital social e cultural da família, porque a família na Itália é muito importante na orientação, na definição de oportunidades.

5. LP: Mais capital social do que cultural?

EC: Mais capital cultural do que capital social, eu diria. O capital social é importante para encontrar trabalho, é absolutamente importante, mas o capital cultural está mais próximo das diferenças de classe social. Na Itália, ele é um excelente indicador de status social. No que se refere ao capital cultural e social, os filhos dos migrantes têm um duplo problema. O primeiro é que a sua família provavelmente vive em uma péssima situação material. Eles têm menos recursos. Ademais, se os pais possuem um bom capital cultural, este capital cultural não é reconhecido na Itália e não é totalmente útil para os filhos. Então, na verdade, eles vivem em famílias que têm um bom capital cultural em comparação com a média de seu país de origem, mas não é um capital cultural que possa ser convertido em capital utilizável na Itália.

O segundo é o problema da cidadania. Eles ainda têm muitos problemas para obter cidadania italiana, mesmo que tenham nascido na Itália, porque a lei se baseia no sistema *ius sanguinis*. Assim, é mais fácil para os jovens que nasceram no exterior e nunca viveram na Itália, mas têm um avô italiano, conseguirem a cidadania italiana do que para as crianças que nasceram na Itália e vivem toda a sua vida na Itália, mas têm pais imigrantes. De acordo com a lei atual, os filhos de imigrantes devem esperar até os 18 anos e têm apenas um ano para solicitar o reconhecimento da cidadania. Além disso, precisam comprovar que viveram na Itália continuamente durante todo o período anterior. Portanto, não é fácil e a burocracia também é muito rigorosa. É claro que, especialmente nos últimos anos, o racismo e a discriminação racial tornaram-se cada vez mais relevantes. Ter um sobrenome estrangeiro, por exemplo, pode representar um obstáculo na sua busca por emprego.

6. LP: Então, se entendi bem, além da dificuldade em relação às condições materiais ou ao capital cultural, os jovens imigrantes têm a questão da diferença como algo a manejar na vida cotidiana. Os jovens de famílias de imigrantes encaram a diferença como um desafio?

EC: Eu diria que eles são “usuários” cuidadosos da diferença cultural, o que faz sentido sob a perspectiva da individualização de que falamos anteriormente. A diferença cultural se torna uma ferramenta relevante para a individualização. Eles usam a

diferença cultural de variados modos, em harmonia com os contextos, objetivos e oportunidades. A diferença cultural não é percebida como algo absoluto ou fixo; é antes vista como um recurso em potencial ou uma restrição em potencial, dependendo da situação. Estes jovens muitas vezes tomam esta atitude: “tento dar sentido à minha especificidade ou à minha diferença cultural neste momento para este objetivo com estas pessoas”, e são usuários habilidosos da diferença cultural, ora enfatizando-a e destacando-a, ora relativizando-a e deixando-a em segundo plano e, em vez disso, enfatizando o que têm em comum: idade, estilo de vida, consumo, pertencimento ao bairro e assim por diante. Geralmente, eles têm orgulho da cultura de seus pais, porque seus pais e mães trabalharam muito, e agora estes jovens são capazes de viver em uma condição diferente graças a seus pais. Por isto, eles têm muito orgulho de sua cultura. Eles querem que a sua cultura seja reconhecida. Querem que a sua diferença seja reconhecida. No entanto, eles também se sentem totalmente italianos e querem ser reconhecidos como seus pares “nativos”, com quem compartilham a vida cotidiana. Em vez de tentar construir uma identidade forte e coerente, eles são capazes de usar diferentes ferramentas para diferentes situações e para diferentes objetivos. Os filhos de migrantes são particularmente bons nisto porque estão habituados a deslocar-se de um contexto para outro, percebendo as diferenças significativas entre, por exemplo, quando conversam com a rede de relacionamento dos pais ou com pessoas dos países de seus pais ou de sua religião, e quando estão com grupos de amigos ou colegas de classe. Eles aprendem a passar de uma perspectiva para outra, de uma língua para outra, de uma forma de expectativa para outra, de algumas regras para outras regras. Eles estão acostumados a se concentrar na situação, sabendo que não podem transferir mecanicamente de um contexto para outro. Eles aprendem a usar a individualização de uma forma muito localizada e contingente, o que chamamos de política do presente⁸. Tentam dar sentido à situação em que devem agir; e também mudar a situação – este é o aspecto político – a partir do contingente, da situação. Não necessariamente com um projeto forte, mas com uma atitude tática, como diria Michel de Certeau.

⁸ COLOMBO, Enzo; REBUGHINI, Paola (orgs.). *Youth and the politics of the present*. Milton Park: Routledge, 2019.

7. LP: Neste sentido, poderíamos dizer que há suportes gerais para os movimentos desses atores? Ou há apoios diferentes em cada caso, cada situação ou cada espaço social?

EC: Bem, eu diria que, na Itália, não há um suporte (institucional) relevante. A Itália não é um país para jovens. No entanto, pelo menos alguns deles têm alguma forma de apoio. Quando olhamos mais de perto para a condição dos jovens, percebemos imediatamente que não podemos falar em termos muito gerais. A condição dos jovens na Itália – mas, de modo mais geral, em todos os contextos – não é homogênea: os recursos materiais e culturais, o gênero, a aparência física, a atribuição de pertencimento étnico ou religioso etc., fazem diferença. De modo geral, eu diria que aqueles que não têm apoio muitas vezes acabam transferindo o impulso para a individualização em formas de individualismo. Eles tentam fazer tudo sozinhos, aproveitar as oportunidades por conta própria, muitas vezes considerando os outros principalmente como concorrentes. Estes jovens geralmente são os mais frágeis e mais expostos à incerteza do momento. Há outro grupo de jovens que pode contar com laços familiares fortes e, portanto, usa a família como ponto de referência para encontrar apoio e, se necessário, pedir ajuda. Neste caso, é possível distinguir entre jovens com famílias com alto capital cultural ou econômico e famílias com baixo capital socioeconômico. Neste último caso, conforme mencionado anteriormente, as pessoas de famílias com baixo capital econômico e cultural geralmente contam com fortes laços familiares para superar períodos difíceis. Esses jovens tendem a pensar que é importante que desenvolvam a individualização o máximo possível para poderem, se necessário, ajudar a família e, ao mesmo tempo, a família pode ajudá-los em caso de problemas econômicos e pessoais. Assim, laços fortes acabam ampliando o desejo de independência, tornando mais premente e urgente a conquista da própria autonomia econômica. A situação costuma ser diferente para aqueles que vêm de famílias com alto capital social e econômico. Neste caso, normalmente, o apoio familiar é algo que lhes permite esperar pelo melhor momento, portanto, é algo que pode apoiá-los e não os pressionar a fazer uma escolha imediata, mas permite-lhes esperar e ter a oportunidade de encontrar a escolha correta. Laços fortes funcionam de maneira muito diferente de acordo com as diferentes posições sociais.

Um terceiro grupo está muito interessado em desenvolver laços fracos com base na ideia de que “outras pessoas são importantes para mim porque podem me ajudar, e eu posso usá-las para atingir o meu objetivo”. Não é importante ter amizades sólidas, não é realmente importante compartilhar todos os aspectos da vida, mas se eu estiver interessado neste objetivo, devo ser capaz de encontrar outras pessoas que trabalhem nesta direção e que possam me ajudar a alcançá-lo. Portanto, eles estão interessados em desenvolver estes laços fracos com a ideia de que não se trata de construir uma nova forma de comunidade, mas que é importante estar incluído em grandes redes para poder usá-las para atingir os seus objetivos, para poder encontrar apoio nelas. Aqui fica evidente a internalização da experiência das redes criada pela mídia social. É importante estar incluído nas redes certas para obter informação, apoio, oportunidades, prazer, reconhecimento e realização pessoal. Não são necessárias redes fortes de solidariedade nem identificação total com grupos específicos. Em vez disto, trata-se de uma busca contínua para não ser excluído de uma rede de conhecidos que poderia ser útil para os seus próprios objetivos.

Por fim, temos as pessoas que estão mais envolvidas politicamente. Neste caso, elas contestam veementemente o individualismo. Elas compartilham a ideia de que a individualização é necessária para aprimorar as habilidades pessoais, mas contestam vigorosamente o individualismo excessivo. Tentam criar uma nova forma de partilha, uma nova forma de comunidade. Por exemplo, organizam-se para criar espaços sociais onde diferentes pessoas possam se encontrar para explorar novas possibilidades na Internet, promover novas startups ou produzir inovações artísticas. Valorizam novas formas de bens comuns que não passam diretamente por uma transformação das formas de controle e gestão da dimensão política institucional, mas que criam, de baixo para cima, novas formas de solidariedade. O núcleo central destas experiências é, muitas vezes, a partilha de incertezas: formas de compartilhamento de moradia em um contexto em que os aluguéis costumam ser proibitivos para jovens com empregos precários; formas de compartilhamento de habilidades técnicas e profissionais para a criação de startups; formas de organização de compras coletivas para reduzir custos ou apoiar o comércio justo; formas de compartilhamento que reduzem o impacto ambiental etc. Trata-se de uma produção de bens comuns de baixo para cima, que não aspira a uma mudança radical e rápida no sistema, mas que parte da experiência cotidiana para introduzir mudanças. Também neste caso, a internalização do impulso para o

individualismo é evidente: a atenção e a ação se concentram no aqui e agora, no contexto em que se está agindo. As emoções, o corpo e as características específicas de cada um são o ponto de partida para toda ação coletiva.

8. LP: Se eu entendi corretamente, poderíamos dizer que estamos diante de alguns tipos de laços sociais, relativos às conexões entre família e trabalho. Existem outros domínios sociais em questão?

EC: Para os jovens que estão mais envolvidos na atividade política e social, a expectativa é encontrar ou criar um emprego que não esteja muito separado das atividades políticas e sociais. Eles aspiram criar locais profissionais que também sejam locais de engajamento social e apoio pessoal. A situação é diferente para aqueles com uma atitude mais individualista. Neste caso, eles geralmente se concentram na criação de um trabalho que leve à satisfação individual, muitas vezes considerando os outros como concorrentes em uma luta de soma zero.

9. LP: Examinando brevemente a literatura sobre o comum, podemos nos referir tanto aos recursos sociais que compartilhamos quanto aos processos políticos que visam determinadas formas de partilha social. No entanto, se considerarmos os laços sociais como modos de ‘estar-junto’, poderíamos pensar em antecedentes normativos e expectativas construídas pelos atores, produzindo também sociabilidades e estéticas a compartilhar, talvez até em conflito com as perspectivas ativistas. Acima, você descreveu quatro grupos que parecem apresentar diferentes laços sociais na vida cotidiana. Poderíamos usar seus exemplos para pensar o comum e suas contradições?

EC: O esforço, assim como a necessidade, de criar novas formas do comum são mais evidentes entre os jovens mais envolvidos em atividades políticas e sociais⁹. Para estes jovens, a política assume significados muito diferentes. Não está ligada a partidos

⁹ COLOMBO, Enzo; REBUGHINI, Paola. Connecting individualizations: towards a new generational collective action. In: CUZZOCREA, Valentina; GOOK, Ben; SCHIERMER, Bjorn. (Orgs.). *Forms of collective engagement in youth transitions: a global perspective*. Leiden: Brill, 2021, p. 247-266.
COLOMBO, Enzo; REBUGHINI, Paola; DOMANESCHI, Lorenzo. Individualization and individualism: facets and turning points of the entrepreneurial self among young people in Italy. *Sociology*, 56 (3), p. 430-446, 2022.

políticos, não é orientada para a tomada do poder. Está mais ligada à ideia de que “bem, para desenvolver as minhas capacidades, para chegar a uma boa individualização, eu preciso de outras pessoas”. Portanto, eles são orientados a fazer algo juntos porque sentem que não podem se tornar independentes ou autônomos sozinhos, mas também precisam construir as condições sociais que lhes permitam crescer com os outros, junto com os outros, e isto acontece na vida cotidiana. Trata-se principalmente de algo que tem a ver com compartilhar emoções, compartilhar paixões, em vez de compartilhar a ideia, a ideia política de que devemos obter o poder, precisamos mudar o sistema. Geralmente, eles não estão interessados neste tipo de mudança institucional e estrutural; estão mais interessados em criar algo em que possam viver com satisfação com os outros, porque acreditam firmemente que sem outras pessoas não podem atingir os seus objetivos. Portanto, eles estão produzindo novas formas do comum, estão produzindo novas ideias do comum. Eles concebem os bens comuns como algo que compartilhamos e algo que construímos juntos. Por exemplo, o compartilhamento de conhecimento: “você pode fazer isto, e você precisa de mim para isto, então faremos o trabalho juntos”. Comum consiste no compartilhamento de espaços, ideias e também apoio emocional. O comum é, antes de tudo, “um lugar onde eles possam me ouvir; eu posso falar e eles podem me ouvir”.

10. LP: Seria uma parte da política do presente.

EC: Faz parte da política do presente. É a ideia de produzir uma nova forma de engajamento político. Neste caso, política como algo que pode criar oportunidades de realização pessoal, que pode definir o espaço para a ação. Portanto, é uma ideia de política mais parecida com a de Hanna Arendt, ligada à capacidade de ser ativo na sociedade.

11. LP: No caso dos grupos mais individualistas, podemos dizer algo diferente?

EC: No primeiro caso, o dos mais frágeis, minha impressão é que a ideia do bem comum está quase totalmente ausente. A questão é justamente aproveitar o momento, conseguindo sobreviver à incerteza em que se encontram. Há algumas ideias sobre o

comum naqueles que tentam produzir laços fracos, mas é um bem comum mais baseado na ideia econômica de bem, algo que pode ser útil, um bem comum que não inclui necessariamente a ideia de compartilhar, nem de construir algo juntos, mas algo que pode ser útil para mim. Algo que pode ser usado, algo do qual eu possa obter algum benefício.

12. LP: Haveria a ideia de um indivíduo forte apoiando laços fracos?

EC: Há uma ideia de que “bem, o momento e a situação são difíceis, mas, se eu for inteligente o suficiente, posso fazer isto” e “eu posso fazer isto se eu for capaz de usar outras pessoas também, não sozinho”. Para ter mais chances de atingir os meus objetivos, preciso saber usar e ativar as habilidades de outras pessoas; somente assim poderei ampliar as minhas habilidades e aumentar as minhas possibilidades.

13. LP: Mais uma pergunta, agora sobre educação. Neste caso, voltarei aos exemplos do Brasil e da França. Tomo como exemplo a comparação feita por Benjamin Moignard no livro *L'école et la rue: fabriques de délinquance* [A escola e a rua: fábricas de delinquência]. Resumidamente, ele considera que as escolas francesas seriam altamente competitivas e que os alunos estariam sob intensa pressão para serem bem-sucedidos, o que poderia levar à segregação social, enquanto no Brasil as escolas desempenhariam um papel protetor diante da violência ou da vulnerabilidade social que cerca a instituição. Então, na Itália, que papel a educação desempenha no processo de individualização que você descreve e, então, na produção social dos de laços sociais?

EC: Bem, acho que a situação não é muito diferente da francesa, mas talvez com menos ênfase na competitividade. De fato, a competição se faz presente nas salas de aula; você encontrará lá jovens interessados nas notas acima de tudo. Portanto, a competição é algo promovido na escola sem dúvida, mas não tão fortemente quanto na França. Bem, a minha impressão é que, em todos os níveis de ensino, enfatiza-se a ideia de que você tem de ser ativo, tem de fazer por si mesmo, tem de desenvolver novas habilidades, tem de ser criativo, tem de ser aberto; toda a ideologia das soft skills. É preciso obter o

máximo possível; é preciso aprender línguas e habilidades diferentes e adicionar novas habilidades ao seu currículo a todo momento.

14. LP: A escola participa da responsabilização individual?

EC: Eu diria que é uma responsabilidade formal, ou seja, mais um incentivo para que você mesmo faça do que uma responsabilidade real. Claro que isso não se aplica a todas as situações; há boas escolas e bons professores que enfatizam a relação entre esse aspecto e a capacidade de cuidar, de ser responsável. Entretanto, em geral, acredito que a principal mensagem que os estudantes aprendem em todos os níveis de ensino é aprender a fazer as coisas por conta própria. Tente gerenciar as contingências por conta própria. Esta é uma maneira particularmente italiana de olhar para a vida cotidiana: “você tem de fazer alguma coisa; você tem de resolver a situação sozinho, porque não há ajuda das instituições”.

15. LP: No Brasil, a desigualdade escolar é perpassada por uma diferença estarrecedora entre as escolas particular e pública. A classe média e a elite acessam a primeira, que lhes oferece formação competitiva voltada para a obtenção do diploma universitário. Por outro lado, as escolas públicas, mais precárias, costumam receber classes populares, e a maioria dos alunos começa a trabalhar após (ou durante) o ensino secundário. Qual é a desigualdade aqui?

EC: É quase a mesma coisa; também temos escolas particulares. Elas são parcialmente financiadas pelos estados. São muito, muito caras. Poucas frequentam crianças frequentam este tipo de escola, e esses alunos fazem parte da elite, da elite econômica e cultural, especialmente nas grandes cidades, Milão, Roma. Não tenho o número real, mas acredito que as pessoas que frequentam este tipo de escola são, em média, cerca de 10–11% das crianças, e são escolas de elite muito exclusivas. As escolas públicas são altamente diversificadas. Há uma grande diferença entre escolas boas e ruins. As boas escolas são as escolas de ensino médio no centro da cidade, enquanto as piores escolas são as dos subúrbios e, geralmente, com um grande número de filhos de imigrantes; são escolas profissionais. Normalmente, para quem frequenta este tipo de escola, é muito difícil acessar a universidade. Logo, ser orientado para um percurso escolar ou outro,

com base nos recursos materiais e não nas habilidades individuais, constitui um forte sistema de diferenciação e discriminação social.

16. LP: Quem mora nas periferias das metrópoles na Itália?

EC: A segregação não é tão forte quanto na França. Na verdade, não temos uma forte diferenciação com base territorial urbana. Também é possível encontrar pessoas, estrangeiros, morando no centro de Milão, especialmente aqueles que trabalham como assistentes de saúde domiciliar, cuidadores, zeladores ou coisas do gênero. Na Itália, os pais têm liberdade para escolher a escola para seus filhos; não estão vinculados ao local de residência. Por isto, aqueles que têm a oportunidade enviam os seus filhos para as melhores escolas, mesmo longe de casa. A escolha de uma boa escola é geralmente baseada no número de crianças imigrantes que a frequentam; há uma percepção generalizada de que quanto menor a porcentagem, melhor a escola.

Assim, somente pessoas abastadas podem levar os seus filhos para o outro lado da cidade todos os dias, geralmente para as escolas do centro. Mas é um fenômeno bastante óbvio. Isto cria boas escolas, que geralmente têm ainda mais recursos, e escolas ruins, especialmente nas periferias, que têm menos recursos e uma concentração maior de jovens marginalizados socialmente. Às vezes, é uma situação um pouco difícil, especialmente no sul, em Nápoles – mas também em Milão – Existem bairros em que é difícil ser professor porque você tem de lidar com pessoas que não estão interessadas na escola, e a escola não tem recursos suficientes para atender às necessidades crescentes desses jovens.

17. LP: Hoje em dia, é difícil para os jovens conseguirem um emprego?

EC: Na Itália, o problema do desemprego entre os jovens é muito significativo. Na Europa, juntamente com a Grécia e a Espanha, a situação do emprego dos jovens está entre as piores, com cerca de 20–23% de desempregados. Além disso, as condições de emprego dos jovens estão concentradas em atividades precárias, temporárias e de baixa remuneração. Ademais, o número de jovens sem educação, emprego ou treinamento [Not in Education, Employment, or Training (NEET)] é muito elevado – aproximadamente um em cada cinco jovens na faixa etária entre 15 e 29 anos está

matriculado em uma escola ou programa de treinamento e não está envolvido em uma atividade de trabalho.

18. LP: O número de jovens desempregados no Brasil pode ser o dobro da média percebida para a população ativa.

EC: Como eu estava dizendo, de acordo com os últimos dados do Istat¹⁰ [Instituto Nacional de Estatística italiano], o desemprego entre os jovens – na faixa etária entre 15 e 24 anos – está em torno de 23%, com uma enorme diferença entre o Norte e o Sul, e equivale a 8,1% para toda a população. Portanto, este é um grande problema para os jovens porque, geralmente, eles só conseguem encontrar empregos muito precários e instáveis. Esses empregos são mal remunerados e até mesmo os graduados – como advogados ou arquitetos – costumam trabalhar como estagiários, como trabalhadores temporários, embora tenham 35 ou até 40 anos de idade. Portanto, este é outro motivo pelo qual, na Itália, muitos jovens vivem com os pais até os 30 ou 40 anos de idade.

19. LP: O principal apoio dos jovens, neste caso, são as famílias?

EC: Na Itália, a família ainda é importante, até porque o nosso estado social se baseia, sobretudo, na ajuda familiar, portanto, a família é absolutamente importante. A possibilidade de mudar de um status para outro é muito, muito baixa. Então, tudo depende da família em que você nasceu. Se você faz parte de uma família rica, você tem enormes vantagens na educação, no trabalho, na experiência, em tudo. A mobilidade social é quase inexistente na Itália. É muito, muito baixa. Especialmente nos últimos 20–30 anos, ela é muito, muito baixa. Muitos fatores baseiam-se nas condições sociais iniciais.

¹⁰ ISTAT. Noi Italia 2023 - Mercato del lavoro, in: <https://noi-italia.istat.it/pagina.php?id=3&categoria=16&action=show&L=0>.

ISTAT. Rapporto Annuale 2023 - La situazione del paese, in: <https://www.istat.it/storage/rapporto-annuale/2023/Rapporto-Annuale-2023.pdf>.